



NOTICIAS INTERNACIONALES AL 17/03/2017

BRASIL	2
Mercado estable aunque con tendencia poco definida	2
IBGE: Faena de 2016 cercana a 30 millones de cabezas, cayó un 3,2%	2
Exportaciones de carnes bovinas retrocedieron respecto de un año atrás	2
Certificación Halal aumentó un 12 por ciento el año pasado	3
Discuten en el estado Rondônia dejar de vacunar contra la aftosa	3
Operación “Carne Fraca” investiga maniobras fraudulentas que involucra inspectores oficiales	3
URUGUAY	4
Se profundizó la baja de precios de las haciendas	4
Incertidumbre provocó la baja en el valor diferencial del negocio para Cuota 481.....	5
Uruguay llevará el tema de cuota de carne 481 a reunión con la UE	5
Nin Novoa sobre cuota 481: “Los antecedentes pesan y nos podrían beneficiar”	6
Continúa la preocupación por el futuro de la cuota 481	6
Novillo Tipo se mantuvo estabilizado en febrero.....	6
Demoras en los embarques de carnes uruguayas por poca disponibilidad de contenedores.....	7
Trabajan en nuevos plazos para ethion	7
Volvió a exportarse ganado en pie pero a precios inferiores	8
Embajador de China visitó frigorífico BPU y Megatambo en Durazno	8
PARAGUAY	9
Paraguay ingresa con cortes vacunos de calidad y bajos aranceles a ECUADOR.....	9
CHILE, RUSIA Y BRASIL, mayores compradores de carne paraguaya	9
ARP analiza intención de Brasil Es riesgoso dejar de vacunar contra aftosa, dice Villasanti	9
Mesa sostenible de carne facilitará nuevos mercados.....	10
UNIÓN EUROPEA	10
Parlamento Europeo adoptó reglas de mayores controles sobre los alimentos	10
IRLANDA: Bord Bia lanzó promoción en ALEMANIA	11
ESTADOS UNIDOS	12
Existencias ganaderas: tuvieron entre 2014-2016 el mayor crecimiento desde los años 70	12
Gulfood 2017 - Exitosa participación de exportadores estadounidenses.	13
Carne sin antibióticos gana lugar en EE.UU.	13
AUSTRALIA	14
Retención de vientres impacta sobre la faena	14
Exportaciones de carnes enfriadas hacia Estados Unidos firmes pese a la menor oferta	14
VARIOS	14
INDIA: Amenazan con establecer pena de muerte por faena de vacas y traslado de carne bovina en el estado de Gujarat	15
RUSIA: fue habilitado para exportar carne bovina enfriada hacia IRAN.....	15
CANADA: Stock ganadero al 1º de enero de 2017 era de 12 millones de cabezas, 0.2 por ciento mayor que un año atrás	16
EMPRESARIAS	16
JBS compró en Estados Unidos la empresa Plumrose.....	16
JBS buenos resultados en el cuarto trimestre de 2016.....	17
McDonald’s analiza utilizar hamburguesas frescas en lugar de congeladas.....	17
Bajan las acciones de JBS y BRF	18



BRASIL

Mercado estable aunque con tendencia poco definida

Sexta-feira, 17 de março de 2017 - 06h00

Com pouca movimentação, o mercado do boi gordo segue sem tendência definida. Diante disso, as referências foram mantidas na maioria das praças pesquisadas pela Scot Consultoria na última quinta-feira (16/3).

Apesar do baixo estímulo das indústrias para adquirir matéria-prima, devido ao lento escoamento da carne, não se nota uma pressão baixista por parte dos frigoríficos.

Em São Paulo, diante deste cenário de indefinição do mercado, algumas indústrias, que conseguiram “folga” nas escalas, saíram das compras, aguardando uma melhor definição do mercado.

No mercado atacadista de carne bovina com osso, após a alta registrada na semana passada, o mercado segue estável.

O boi casado de animais castrados está cotado em R\$9,64/kg.

17/03/17 - por Equipe BeefPoint Nos últimos dias, o mercado do boi gordo se encontra pressionado, de acordo com Rogério Coan, da Coan Consultoria. Os frigoríficos tentam testar o mercado e, por outro lado, os pecuaristas seguram a oferta, honrando apenas os compromissos financeiros, criando uma verdadeira “queda de braço”, como define Coan.

Hoje, os negócios estão a R\$145/@ para o boi gordo e R\$136/@ para a vaca gorda. No mercado a prazo, essas cotações figuram como R\$147/@ para o boi gordo e R\$138/@ para a vaca gorda.

Como há boa oferta de pastagem na maior parte das propriedades, os produtores possuem condições de segurar o boi no pasto. Em maio e junho, esse pasto tende a secar e os pecuaristas terão necessidade de vender ou então de encaminhar esses animais para o confinamento. Logo, esse momento pode implicar em uma maior oferta e a arroba pode chegar a R\$140/@ para o boi.

Fonte: Notícias Agrícolas, resumida e adaptada pela Equipe BeefPoint.

IBGE: Faena de 2016 cercana a 30 millones de cabezas, cayó un 3,2%

15/03/17 - por Equipe BeefPoint No 4o trimestre de 2016, foram abatidas 7,41 milhões de cabeças de bovinos sob algum tipo de serviço de inspeção sanitária. Essa quantidade foi 1,2% maior que a registrada no trimestre imediatamente anterior e 3,7% menor que a do 4o trimestre de 2015. O Gráfico I.1 mostra que é bastante comum um incremento do abate de bovinos no 4o trimestre, incentivado pela maior procura de carne bovina para as festas de final de ano, a chegada do 13o salário associada ao consumo preferencial de carne bovina e a maior oferta de bois gordos com a chegada das chuvas e melhoria das pastagens. Entretanto, mostra também que no 4o trimestre de 2016 ocorre a terceira queda consecutiva no abate de bovinos dentre os 4os trimestres.

Como não há variações acentuadas no peso médio das carcaças, sobretudo em nível nacional e entre os mesmos períodos do ano, a série histórica trimestral do peso acumulado de carcaças (Gráfico I.2) tende a seguir o mesmo comportamento da série do abate de bovinos. A produção de 1,85 milhão de toneladas de carcaças bovinas no 4o trimestre de 2016 foi 1,2% maior que a registrada no trimestre imediatamente anterior e 4,1% menor que a registrada no 4o trimestre de 2015.

O peso médio das carcaças foi de 249,8 kg/carcaça, no 4o trimestre de 2016. No mesmo período do ano anterior foi de 250,7 kg/carcaça, representando redução de 0,9 kg/carcaça (0,4%) entre os respectivos períodos. Contribuiu para esse decréscimo, a maior participação relativa de fêmeas – que em geral são mais leves que os machos – no abate total de bovinos (Gráfico I.3).

O abate de 284,07 mil cabeças de bovinos a menos no 4o trimestre de 2016, em relação ao o mesmo período do ano anterior, foi impulsionada por reduções em 18 das 27 Unidades da Federação (UFs). As reduções mais intensas ocorreram em São Paulo (-107,18 mil cabeças), Goiás (-104,53 mil cabeças), Minas Gerais (-63,08 mil cabeças), Mato Grosso do Sul (-41,59 mil cabeças), Maranhão (-33,33 mil cabeças), Paraná (-19,83 mil cabeças), Bahia (-17,1 mil cabeças), Espírito Santo (-16,58 mil cabeças), Ceará (-11,9 mil cabeças) e Acre (-10,49 mil cabeças). Já os maiores incrementos ocorreram no Pará (+60,13 mil cabeças), em Rondônia (+50,73 mil cabeças), no Mato Grosso (+30,17 mil cabeças), no Rio Grande do Sul (+25,69 mil cabeças) e no Tocantins (+8,5 mil cabeças). No ranking das UFs, Mato Grosso continua liderando o abate de bovinos, com 15,6% da participação nacional, seguido por Mato Grosso do Sul (10,8%) e Pará (9,3%), que subiu da 6a para 3a posição no comparativo dos 4os trimestres

Exportaciones de carnes bovinas retrocedieron respecto de un año atrás

15/03/17 - por Equipe BeefPoint O Brasil faturou US\$ 410 milhões com exportação de 103,9 mil toneladas de carne bovina em fevereiro, considerando-se carne in natura, miúdos, carne industrializada, tripas e



carnes salgadas. Os números recuaram 16% em receita e 18% em volume em relação a fevereiro de 2016, quando o País enviou ao exterior 127,33 mil toneladas de carne e faturou US\$ 490,9 milhões.

Em relação a janeiro de 2017, também houve queda de 5,8% em receita e de 7,6% em volume. As informações foram divulgadas nesta noite de terça-feira, 14, em nota, pela Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carne (Abiec).

No acumulado do ano de 2017 (janeiro e fevereiro), os frigoríficos enviaram ao exterior 216,4 mil toneladas de carne bovina, com faturamento de US\$ 846,3 milhões. Também neste indicador os números foram inferiores a igual período de 2016, respectivamente 4,65% e 2,29%, quando o País exportou 226,97 mil toneladas e faturou US\$ 866,19 milhões.

Conforme a Abiec, pelo segundo mês consecutivo em 2017, Hong Kong e China foram os mercados que mais compraram carne bovina brasileira. Além dos asiáticos, destaca-se o mercado russo, que apresentou crescimento tanto em volume (7,6%) como em faturamento (10,7%), em fevereiro com relação a janeiro, bem como uma evolução da exportação de carne in natura para os EUA. O primeiro embarque para o mercado norte-americano foi em setembro de 2016 com 127 toneladas; em fevereiro de 2017, esse volume embarcado já passou para 933 toneladas.

A Abiec ressalta ainda que o mercado árabe foi destaque no primeiro bimestre, com incrementos expressivos nas exportações para o Irã (aproximadamente 93% em volume e 94% em receita), Argélia (111% mais em volume) e Emirados Árabes (em torno de 18% mais em volume e 19% em receita).

Fonte: Estadão, adaptada pela Equipe BeefPoint.

Certificación Halal aumentó un 12 por ciento el año pasado

16/03/17 - por Equipe BeefPoint Em 2016, o número de certificações de abate Halal cresce 12% no Brasil em comparação ao ano anterior. Segundo a FAMBRAS Halal, empresa que emite os certificados, a maior procura por essas certificações é devido ao interesse das indústrias alimentícias em exportar seus produtos para o mercado islâmico, pois para atender essa demanda, as mercadorias precisam ter o selo Halal.

De acordo com a Câmara de Comércio Árabe-Brasileira, o mercado consumidor muçulmano conta com 1,8 bilhão de pessoas. Com base nas informações divulgadas pela Apex-Brasil, as exportações para os Emirados Árabes Unidos, em 2016, por exemplo, totalizaram US\$ 2,23 bilhões e as importações US\$ 366 milhões. Apenas de alimentos e bebidas, o total exportado neste período foi de US\$ 3,93 bilhões, com destaque para carne de frango, açúcar e carne bovina.

O Brasil é o maior exportador de carne bovina e de frango para o mundo islâmico. A Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carne (Abiec) anunciou que os países árabes, de maioria muçulmana, já adquirem 24% de toda a carne bovina exportada pelo Brasil, ocasionando um faturamento de US\$ 1,4 bilhão em 2015. O Egito é um dos principais mercados da região, entre janeiro e setembro, o país já importou US\$ 506,6 milhões.

Fonte: Revista Globo Rural, resumida e adaptada pela Equipe BeefPoint.

Discuten en el estado Rondônia dejar de vacunar contra la aftosa

17/03/17 - por Equipe BeefPoint Lideranças do segmento privado da pecuária de corte do Brasil, Bolívia e Paraguai já tomaram a decisão de que a vacina contra a aftosa vai deixar de ser obrigatória, e traçam um calendário para iniciar esse processo que prevê a desobrigação de uma área que comporta 80 milhões de cabeças de bovinos a partir de novembro de 2018, iniciando pelo Rio de Janeiro, Espírito Santo até o Maranhão; no Pará Tocantins, Goiás, São Paulo e Minas Gerais em 2018, e em 2019/2020 nos estados do Acre, Amapá, Amazonas, Rondônia, Roraima, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Paraná e Rio Grande do Sul.

No dia 23 de março, em Ji-Paraná, no campus IFRO, ocorrerá uma audiência pública envolvendo representantes do setor privado e público.

O último encontro de lideranças do setor privado ocorreu no dia 24 de janeiro em Campo Grande (MS), ocasião em que ficou determinado que o fim da vacinação contra febre aftosa é questão de tempo.

Segundo o presidente da Idaron, Sebastião Costa Guedes, os produtores estão "jogando fora" R\$ 600 milhões ao vacinar seus rebanhos, sugerindo que a vacinação seja retirada gradativamente por faixa etária do rebanho, ou considerando as questões geográficas.

Fonte: Correio Central, resumida e adaptada pela Equipe BeefPoint.

Operación “Carne Fraca” investiga maniobras fraudulentas que involucra inspectores oficiales

Fonte: Agência Brasil 17 de março de 2017 - Esquema envolvia fiscais agropecuários do Ministério da Agricultura e empresários



A Polícia Federal cumpre 309 mandados judiciais, sendo 27 de prisão preventiva, 11 de prisão temporária, 77 de condução coercitiva e 194 de busca e apreensão. Trata-se da Operação Carne Fraca, que investiga fiscais agropecuários federais e empresários do agronegócio.

Segundo as investigações, durante dois anos, o grupo teria atuado nas superintendências regionais do Ministério da Pesca e Agricultura do Paraná, de Minas Gerais e de Goiás. Eles recebiam propina para facilitar a produção de alimentos adulterados, emitindo certificados sanitários sem a efetiva fiscalização. Os frigoríficos operavam em desrespeito às leis.

"Os agentes públicos, utilizando-se do poder fiscalizatório do cargo, mediante pagamento de propina, atuavam para facilitar a produção de alimentos adulterados, emitindo certificados sanitários sem qualquer fiscalização efetiva. Dentre as ilegalidades praticadas no âmbito do setor público, denota-se a remoção de agentes públicos com desvio de finalidade para atender interesses dos grupos empresariais. Tal conduta permitia a continuidade delitiva de frigoríficos e empresas do ramo alimentício que operavam em total desrespeito à legislação vigente", diz a nota da PF.

Os mandados estão sendo cumpridos em São Paulo, Distrito Federal, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Minas Gerais e Goiás. Ao todo, 1.100 policiais estão envolvidos na operação.

De acordo com o G1, as investigações chegaram às principais empresas do setor, como a BRF Brasil, que controla marcas como Sadia e Perdigão, e também a JBS, que detém Friboi, Seara, Swift, entre outras marcas.

A Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA) se pronunciou, em entrevista à Reuters, dizendo que falhas da indústria de carnes investigadas pela Polícia Federal na "Operação Carne Fraca", se comprovadas, seriam "exceções em um modelo produtivo que é referência para o mundo".

URUGUAY

Se profundizó la baja de precios de las haciendas

Marzo 17, 2017 Especial para El Observador por Blasina y La actividad de plantas industriales fue cayendo en la semana y también los precios,

El nivel de actividad fue bajando en la semana, con plantas que han cerrado y otras por cerrar, a la vez que cayeron los precios ofertados por la industria. La partida de las cuadrillas kosher está pesando en la caída de la actividad.

Las entradas a plantas de faena se alargaron a 10 y 12 días para los novillos, y para las vacas son un poco más largas, de alrededor de dos semanas.

El precio del novillo se ubica en el eje de los US\$ 2,75 por kilo carcasa, con un máximo para los mejores lotes que se ubica en US\$ 2,80 por kilo.

Las vacas se mueven en el eje de los US\$ 2,55 por kilo y cada vez se hace más difícil lograr subir unos centavos esa referencia. Por lotes excepcionales se han cerrado negocios a US\$ 2,60 el kilo.

La faena semanal

Con relación a la actividad industrial, la faena semanal hasta el 11 de marzo pasado fue la más baja en ocho semanas, con 45.484 vacunos, 2,6% menos que la semana anterior y 7% más que un año atrás.

También la faena de novillos es la menor en ocho semanas, con 19.995 cabezas, un 12% menos que la semana anterior y 1,2% mayor en la comparación interanual.

Las vacas son fueron 54,3% de la faena semanal, al alcanzar las 24.710 cabezas, 5,6% más en la semana y 14% más en la comparación interanual.

Breeders & Packers lideró la actividad semanal al faenar 3.846 cabezas; en segundo lugar se ubicó el frigorífico Las Piedras, con 3.623 cabezas; y en tercer lugar el Tacuarembó, con 3.442 cabezas.

La exportación

El precio de exportación de carne bovina hasta el 11 de marzo alcanzó US\$ 3.436 la tonelada, 0,9% menos que la semana anterior pero 2% mayor en la comparación interanual. En el promedio acumulado de 2017 alcanzó a US\$ 3.395 por tonelada, 3,8% debajo de 2016, que fue a US\$ 3.530.

La reposición está firme y demandada, con la oferta pretenciosa, pero ante la caída de los precios del ganado gordo los invernadores muestran cautela y se dificulta juntar las partes. Hasta el momento la exportación en pie no está operando y se estima por los sondeos que hacen que cuando salga a comprar lo hará con precios menores al año pasado.

Para los invernadores es una oportunidad de reponer sin competencia, como sucedió en el remate de Lote 21 (ver página 17). Hubo categorías que subieron y otras que cotizaron a la baja respecto al remate anterior.

Los terneros generales cayeron 0,47% desde el remate pasado a US\$ 2,10; los terneros/as subieron 7% hasta US\$ 1,86; las terneras aumentaron 5% a US\$ 1,69; las vacas de invernada US\$ 1,17, un 5,6% menos que en el remate anterior. Los novillos de 1 a 2 años se mantuvieron igual en US\$ 1,76 y los de 2 a 3 años subieron 1,9% a US\$ 1,62. Y los de más de 3 años subieron 1,5% a US\$ 1,50.



Incertidumbre provocó la baja en el valor diferencial del negocio para Cuota 481

Marzo 17, 2017 Recría en cuota 481 perdió sobreprecio

Los negocios con destino a la cuota 481 para la Unión Europea (UE) han sufrido este año un descenso en el valor del kilo producido de US\$ 0,30, a raíz de la incertidumbre creada por los reclamos de EEUU, reveló a El Observador Agropecuario el integrante de la consultora APEO, Diego Varalla.

Explicó que el valor del kilo producido en la ganadería se forma entre el precio del ganado que compra el productor y el kilo que vende, y se expresa sobre la producción de carne que se hace de cada animal.

En ese sentido, hasta el año pasado comprar un ternero o criar un ternero del propio establecimiento con destino a un novillo de la cuota 481 generaba US\$ 0,30 centavos más del valor del kilo producido en relación a una invernada tradicional de ternero a novillo gordo.

Esta situación estaba determinada fuertemente por el sobreprecio que tenía el novillo de cuota, de US\$ 1,85 a US\$ 1,90 por kilo por los novillos criados de 370 kilos respecto a lo que era el valor de este animal gordo.

Se perdió el valor diferencial de US\$ 0,30 por kilo producido para la cuota de carne 481

Por lo tanto, hasta el año pasado criar un ternero para esa cuota europea era un negocio que redituaba US\$ 0,30 por kilo en relación a una invernada tradicional. Hoy en la nueva realidad de incertidumbre que se ha creado con ese negocio para la UE, la propuesta de quienes compran esos novillos es de US\$ 1,60 por kilo, dijo Varalla.

Quiere decir que comprar un ternero entre US\$ 2,10 y US\$ 2,15 el kilo y vender un novillo criado a US\$ 1,60 genera prácticamente el mismo valor de un kilo producido, que comprar un ternero y vender un novillo gordo a fin de año, por ejemplo.

De esta manera se está produciendo una baja en el valor del Producto Bruto ganadero, considerando que el valor del kilo producido por producción de carne hacen al Producto Bruto ganadero, explicó el integrante de APEO.

En consecuencia, si la producción de carne se mantiene al tener menos valor del kilo producido se presenta un descenso en el Producto Bruto. "Que es la situación que está preocupando a las empresas ganaderas en la actualidad", afirmó Varalla.

Uruguay llevará el tema de cuota de carne 481 a reunión con la UE

Marzo 15, 2017 Ocurrirá en el marco de la Comisión Mixta UE-Mercosur a cumplirse en Bruselas

Uruguay llevará entre otros temas a la reunión de la Comisión Mixta de la Unión Europea (UE) y Mercosur, el tema de la cuota de carne 481 cuestionado por EEUU, destacó el canciller Rodolfo Nin Novoa al visitar en esta jornada la Expoactiva de Soriano.

Para fines de este mes habrá una reunión de la referida comisión en Bruselas y entre los temas que se abordarán sobresale el de la referida Cuota 481. El interés es seguir conociendo lo que está ocurriendo en relación a este tema, resaltó el canciller en declaraciones al programa Valor Agregado de radio Carve.

Explicó que Uruguay está trabajando el tema vinculado a la cuota 481 de en tres misiones diplomáticas (Ginebra, Bruselas y EEUU) a raíz de la situación generada por EEUU que le reclamó a la UE porque la mayor parte de los negocios son aprovechados por otros países.

Uruguay está trabajando el tema vinculado a la cuota 481 en tres misiones diplomáticas

Nin Novoa recordó que esta cuota nació de un diferendo por el cual la UE prohibió el ingreso de carne bovina con hormona a EEUU. Pero luego por el reclamo de otros exportadores estadounidenses no agropecuarios que se veían afectados, la UE en compensación creó esta cuota 481 para EEUU. Sin embargo, luego otros países comenzaron a usufructuar esta posibilidad comercial, entre ellos Uruguay bajo el concepto de la Organización Mundial de Comercio (OMC) de nación más favorecida.

La decisión es de la UE

Por lo tanto la UE que es la dueña de la cuota es la que tiene que decidir, afirmó el canciller. Agregó que Uruguay ha participado como oyente en EEUU en la presentación de los descargos de aquellos que no tienen nada que ver con la referida cuota, pero que van a sufrir represalias en caso de que la misma sea eliminada.

Lo importante es que Canadá que hizo un acuerdo de libre comercio con la UE, ya se hizo acreedor de un cupo que es definitivo de alrededor de 4.000 toneladas. Por eso es que es importante lograr el acuerdo de libre comercio con ese bloque europeo, sostuvo el ministro.

Nin Novoa admitió que los antecedentes de Uruguay pueden tener su gravitación. Opinó que las normas de la OMC "nos pueden favorecer, porque no se puede hacer cualquier cosa en materia de comercio y si fuera así se puede denunciar".

Por lo tanto, existen posibilidades de seguir bregando por algo que ha sido muy beneficioso para el Uruguay, porque se trata de una carne muy bien valorizada, afirmó Nin Novoa.



Nin Novoa sobre cuota 481: “Los antecedentes pesan y nos podrían beneficiar”

15/03/2017 - Para el Canciller, “tenemos posibilidades de seguir luchando por algo que ha sido muy beneficioso para Uruguay”

os antecedentes pesan. Las normas de la Organización Mundial del Comercio (OMC) nos pueden favorecer, porque no se puede hacer cualquier cosa en materia de comercio y se puede denunciar”, dijo el canciller de la República, Rodolfo Nin Novoa, en lo que refiere a las posibilidades de que Uruguay sea beneficiado si se cierra la cuota 481.

Nin aseguró en Valor Agregado en Carve que “tenemos posibilidades de seguir luchando por algo que ha sido muy beneficioso para Uruguay, (...) y si no, buscaremos alguna otra posibilidad”. Señaló que hasta septiembre va seguir corriendo la cuota y “no sé si hasta un poco más, no quiero ser excesivamente optimista”, expresó.

Indicó que todos están muy metidos en este tema, “por más que no nos compete directamente”. De igual forma, comentó que la semana que viene se reunirán para poner a punto toda la información que tienen a los efectos de trasladarla a la Comisión Mixta entre Uruguay y la Unión Europea.

Dicha comisión se realizará en Bruselas a fin de mes y uno de los temas a tocar va ser el de la cuota, “que nos permita saber qué está pasando”. En este sentido, destacó que dicho contingente es de Europa, no de Estados Unidos, por lo que “es Europa la que tiene que decidir qué es lo que hace”.

Finalmente mencionó que lo importante de todo es que, por ejemplo, Canadá ha hecho un acuerdo de libre comercio con la Unión Europea y ya se hizo acreedor para siempre. Explicó que lo importante “es buscar ese acuerdo con la Unión Europea para que la carne entre sin aranceles”.

Continúa la preocupación por el futuro de la cuota 481

15/03/2017 - “Vamos siguiendo día a día lo que va pasando”, afirmó el presidente del INACEI presidente del Instituto Nacional de Carnes (INAC), Federico Stanham aseguró que Uruguay continúa siguiendo muy de cerca lo que está pasando en Estados Unidos con el cupo cárnico de alta calidad que ese país tiene asignado por la Unión Europea, en el marco del litigio de la carne con hormonas que duró más de 10 años.

Las quejas de los importadores de Estados Unidos, porque Uruguay y Australia están ocupando hoy más del 60% de una cuota global de 43.000 toneladas de carne bovina, generó la apertura de una audiencia pública y presiones fuertes para poder aprovechar más esta cuota que es de Estados Unidos, pero donde también participan terceros abastecedores. Hasta el momento, Estados Unidos no se quejaba porque no tenía carne para poder participar más de esta cuota, hoy la tiene y se replantea el funcionamiento.

“Estamos transitando todo un proceso. Terminó la audiencia pública y el llamado a comentarios. Estamos esperando que se nombre el representante de comercio de Estados Unidos, cuya venia la tiene que dar el Senado. Cuando estén los informes de las agencias americanas, el gobierno de Estados Unidos fijará posición”, explicó Stanham a El País.

Recién ahí se verá “si hay una postura de represalias o de negociar con la Unión Europea. En cuanto se abra el período de negociaciones estaremos cerca. Vamos siguiendo día a día lo que está pasando”, afirmó el presidente del INAC.

En los hechos Uruguay estaría pudiendo hacer uso de la cuota hasta por lo menos octubre, pero la incertidumbre generada por la postura de Estados Unidos sigue ocasionando bajas en el precio de la reposición.

La cuota 481/UE le mostró a la ganadería uruguaya que es posible trabajar en cadena, partiendo de la producción de un ternero con mayor kilaje y calidad, para que entre a los corrales de engorde con un determinado peso y luego ser terminado a granos durante los últimos 100 días previos a la faena. En los últimos años la industria uruguaya venía exportando unas 10.000 toneladas de carne vacuna dentro del cupo a un precio promedio de US\$ 9.500 por tonelada.

Novillo Tipo se mantuvo estabilizado en febrero

Marzo 17, 2017 El valor de la hacienda fue de US\$ 780 y el agregado industrial de US\$ 307 por cabeza El Novillo Tipo (NT) que publica el Instituto Nacional de Carnes (INAC) correspondiente a febrero pasado se mantuvo estabilizado, si bien se incrementó el valor industrial.

El valor de ese indicador se ubicó en febrero US\$ 1.096, que resulta de la comercialización de todos los productos de un novillo tipo de 480 kilos luego del proceso industrial. Registró un incremento de 0,1% en dólares con relación al mes de enero, cuando alcanzó los US\$ 1.083 por animal.

Por su parte el valor promedio de la hacienda fue de US\$ 789 y el valor agregado industrial por cabeza de US\$ 307

La estabilidad del novillo tipo se explica por un aumento en el valor de los cortes de exportación compensado por una disminución de los valores de la canal al mercado interno y de las menudencias y subproductos, todos ellos medidos en dólares corrientes, señala INAC.



Por su parte el precio del cuero fresco mantuvo valores estables con respecto al mes anterior. En el mes de febrero de 2017 el valor agregado por la operación industrial (que incluye costos y beneficios) aumentó US\$ 14 por animal en relación al mes anterior ubicándose en US\$ 307 por cabeza. La faena de novillos en enero fue de 89.714 cabezas, mientras que en febrero fue de 91.968 cabezas.

Demoras en los embarques de carnes uruguayas por poca disponibilidad de contenedores

16/03/2017 - Se está complicando el cumplimiento de algunos negocios cárnicos pactados con importadores de la Unión Europea, Estados Unidos y Asia debido a un faltante de contenedores refrigerados en las navieras. Según publicó Faxcarne, la logística para embarcar carne vacuna sufre desde la pasada semana serios retrasos que generan complicaciones y molestia en los operadores de este nicho de negocio.

Los retrasos se están generando a partir de una demanda estacional por la zafra de calamar —que además coincide con la de fruta del sur de Argentina y Brasil—, lo que restringió seriamente la disponibilidad de frío en las principales navieras.

Algunos frigoríficos y broker consultados por El País, aseguraron que “se está comenzando a complicar más” la exportación e incluso, para adelante, están previendo más inconvenientes debido a que comienzan las cosechas agrícolas de soja y otros granos en la región y la operativa exportadora quita barcos.

El presidente del Instituto Nacional de Carnes (INAC), Federico Stanham, dijo ayer a El País que hasta ahora “no se recibió ningún planteo de ninguna de las gremiales (productores o industriales) nucleadas en la Junta Directiva” y adelantó que “INAC hará consultas para determinar si hay alguna gestión que se pueda hacer”.

La industria y el gobierno tienen claro que las posibles complicaciones de embarques son cosas normales en el comercio exterior, pero aún así no se descartan gestiones para evitar daños en la imagen de la carne uruguaya.

Según Faxcarne, un operador dijo que la actitud que tomaron las navieras de relegar —sin previo aviso— a la carne a un segundo plano porque el calamar paga US\$ 1.000 más de flete “no fue una buena” para un sector cuya actividad es regular a lo largo del año.

Otro broker explicó que desde la semana pasada tiene 10 contenedores para embarcar y recién para la presente le asignaron un cupo para apenas tres contenedores.

A su vez, los frigoríficos están preocupados por este rezago en los embarques de carne bovina desde el puerto de Montevideo, porque los agentes marítimos estiman que la actividad se regularizará recién en un par de semanas.

En 2015 la exportación de calamar desde Uruguay demandó una gran cantidad de contenedores pero el año pasado la zafra fue nula, lo que no generó ninguna complicación a los embarques de carne y este año se vuelve a operar con intensidad con el calamar.

Trabajan en nuevos plazos para ethion

14/03/2017 - Estadísticos analizan datos sobre residuos.

Los estadísticos de la Facultad de Veterinaria ya están trabajando para determinar y recomendar al Ministerio de Ganadería, Agricultura y Pesca los nuevos tiempos de espera para los garrapaticidas y mosquicidas formulados en base a ethion.

La meta del trabajo estadístico — se hace en base a los datos aportados por Facultad de Química basados en los resultados del ensayo de la Cámara de Especialidades Veterinarias— es, una vez que la secretaría de Estado decida restablecer el uso del principio activo para el control de ectoparásitos, evitar que vuelvan a surgir trazas de ethion en carne y otros productos, que puedan poner en riesgo los mercados.

El MGAP dispuso la suspensión temporaria para la fabricación, venta y uso de todos los productos en base a ethion, tras la aparición de residuos en algunos contenedores con carne vacuna uruguaya exportados a Estados Unidos en 2016 y aunque no se cortó la exportación a ese mercado, encendió la alarma, motivando nuevas pruebas sobre los tiempos de espera tras el uso.

Según información recabada por El País, los técnicos de la Casa de Estudios trabajan sobre los datos del ensayo de campo impulsado por la Cámara de Especialidades Veterinarias (CEV), que insumió el uso de las dos formulaciones de ethion que se encontraban en el mercado, con tres baños y cinco faenas de bovinos tratados, buscando la detección de residuos del principio activo.

Si bien hay mucho hermetismo y nadie quiere revelar los números del trabajo, algunas fuentes indicaron a El País que hay diferencias en números gruesos entre el trabajo realizado por la CEV y el que impulsó el Laboratorio Microsules.

Lo que busca la autoridad sanitaria es que los nuevos tiempos de espera que se decidan otorguen la suficiente seguridad como para que no se reiteren problemas. Hasta el momento, si bien los nuevos plazos de espera aún no están decididos, serán superiores a los que se manejaron previo a la prohibición



temporaria para productos en base a ethion, cuya efectividad no está cuestionada y continúa siendo una herramienta de menor costo y eficaz en la lucha contra garrapata y mosca de los cuernos.

Volvió a exportarse ganado en pie pero a precios inferiores

Marzo 17, 2017 Una empresa aceptó bajar el precio y ceder a exigencias de Turquía y generó molestia en las demás

Las empresas exportadoras de ganado en pie vuelven a comprar terneros en Uruguay, pero a precios bastante inferiores a los del año pasado. El fin de semana anterior la firma Olkany SA concretó la primera exportación de ganado en pie, de 10 mil cabezas hacia Turquía, principal destino de Uruguay.

Los exportadores están comprando terneros sin castrar con pago a 90 días y a precios que se ubican entre US\$ 1,90 y US\$ 2 por kilo en pie, inferiores a los US\$ 2,20 que invertían el año pasado, cuando se logró un récord de actividad, superando las 283 mil cabezas enviadas al exterior.

Los empresarios sostienen que los nuevos precios no son especulativos sino que se deben a las cifras y exigencias que impone Turquía, consideradas muy desfavorables para estas compañías. Esa propuesta de Turquía fue rechazada por casi todas las empresas exportadoras hasta que Olkany las aceptó con el compromiso de enviar 100 mil reses hasta julio, lo que generó gran malestar entre sus colegas.

El Observador Agropecuario consultó a integrantes de esta compañía, pero prefirieron no hacer declaraciones.

El nuevo acuerdo con Turquía no solo es por precios notoriamente inferiores sino que además tienen exigencias comerciales más severas que elevan los costos operativos. Las empresas deberán depositar 4% antes de exportar, una exigencia considerada ilógica.

Además, las exportaciones ahora no se hacen a través de la modalidad FOB sino CIF, lo que significa que el exportador se hace responsable de la carga hasta que llega a destino y además el comprador luego evalúa cuáles son los animales que acepta o descarta, según lo establece una cláusula por trauma, que es considerada muy imprecisa.

Todo esto complica mucho el negocio y hay quienes sostienen que lo hace inviable. El razonamiento que explica por qué Olkany aceptó la propuesta de Turquía se basa en el elevadísimo costo de tener un barco parado, estimado en US\$ 18 mil diarios. Si una compañía no tiene actividad durante cinco meses sumará US\$ 2,7 millones de pérdidas solo por ese concepto. Por lo tanto, puede ser preferible realizar negocios a través de un acuerdo desfavorable, que le permita perder menos de esa cifra.

Cabe aclarar que el acuerdo de las 100 mil reses es para Sudamérica, por lo tanto el ganado puede ser enviado desde otro país de la región, por ejemplo Brasil. Y otro aspecto a tener en cuenta es que no solo Olkany puede exportar, sino que cuando lo acepta una empresa la posibilidad queda abierta a todas las demás que estén operando en Sudamérica, pero bajo las mismas condiciones, por lo no se descarta que alguna otra firma pueda concretar negocios en este período.

Por otra parte, acceder a mercados alternativos no es fácil, fundamentalmente por razones de precios, aunque las exigencias son muy inferiores a las que actualmente impone Turquía.

Egipto siempre fue la segunda opción, pero actualmente no está comprándole ganado a Uruguay. La razón que reciben los exportadores desde la contraparte egipcia es un tema sanitario vinculado con la leucosis. Sin embargo, desde el Ministerio de Ganadería, Agricultura y Pesca se asegura que no recibieron comunicación oficial al respecto.

Embajador de China visitó frigorífico BPU y Megatambo en Durazno

13/03/2017 Desde mediados de año el Megatambo concretará “importantes exportaciones” al país asiático.

Víctor D. Rodríguez – Durazno | “La relación entre China y Uruguay realmente es excelente y en algunos ámbitos se ha logrado muchos avances especialmente en estos años”, dijo en Durazno el Embajador de la República Popular China en Uruguay, Dong Xiaojun, citando la visita efectuada en octubre pasado a su país por el Presidente de la República, Tabaré Vázquez.

El alto representante agregó que la relación bilateral “ha subido a un nuevo nivel. Durante la visita hemos logrado establecer la asociación estratégica entre ambos países” y sostuvo que desde el cargo que ocupa “me siento cargado de responsabilidad; junto con mi equipo vamos a profundizar y enriquecer los contenidos y principios de esta relación”.

Comentó que uno de los puntos importantes del acuerdo bilateral alcanzado es impulsar cooperaciones locales entre ambos países, porque se trata de un ámbito muy importante en la cooperación”. Hay alto potencial en cuanto a esa cooperación, puede aprenderse en diferentes ámbitos y los beneficios son complementarios. La cooperación entre China y Uruguay, dijo “va a traer una vida mejor para ambos pueblos”.

Sobre la intención de profundizar cooperaciones locales, desarrolló el jueves en Durazno una intensa agenda. Junto al Intendente, Carmelo Vidalín, visitó distintos emprendimientos locales, como la planta



frigorífica Breeders & Packers Uruguay (BPU) y el Megatambo de la firma Estancias del Lago, donde “en ambos casos China es un excelente comprador.

En el caso de BPU, China es el primer comprador que tiene esta empresa de Durazno y sobre el Megatambo de Estancias del Lago a partir del mes de junio/julio se van a estar realizando importantes exportaciones del producto que se elabora aquí en esta empresa de Durazno”, dijo Vidalín, señalando que las citadas y otras industrias establecidas en el departamento “nos indican que Durazno está reparado para la participar de lo que es el primer mundo”.

La República Popular de China -país al que Vidalín visitó en octubre de 2011- “se ha transformado en una potencia mundial en todos órdenes. Es un país por el cual nosotros, le hemos transmitido al señor Embajador que sentimos profunda admiración; anhelamos con el Presiente de la República (Tabaré Vázquez) poder firmar un acuerdo de libre comercio con vuestro país”

PARAGUAY

Paraguay ingresa con cortes vacunos de calidad y bajos aranceles a ECUADOR

13/03/2017 - Aseguran que van a competir con Uruguay y tienen “todas las de ganar”.

La embajadora paraguaya en Ecuador, María José Argaña, anunció, tras reunirse con el presidente Horacio Cartes, la obtención de un cupo de exportación de 7 mil toneladas de carne paraguaya, en cortes, con un arancel mínimo, al mencionado país andino.

Según publicó La Nación – Paraguay, la diplomática señaló que “ya es prácticamente una realidad que, en poco tiempo, en las góndolas de los supermercados más prestigiosos y de las cadenas más importantes del Ecuador vamos a tener la carne paraguaya en cortes”, señaló la diplomática.

Añadió que el producto nacional va a competir con la oferta uruguaya, pero, remarcó que Paraguay “tiene todas las de ganar”.

Explicó, asimismo, que se obtuvo la certificación de un frigorífico de Paraguay y que las de otros siete están en trámite.

Argaña recordó también la exportación de ganado en pie nacional al Ecuador con el objetivo de mejorar la genética bovina de ese país.

CHILE, RUSIA Y BRASIL, mayores compradores de carne paraguaya

16/03./17 Chile, Rusia, Brasil, Israel y Vietnam fueron los principales destinos de la exportación de carne paraguaya, según informes brindados por el Servicio Nacional de Calidad y Salud Animal (Senacsa), correspondiente a los meses de enero y febrero de este año, lográndose un sustancial aumento comparando con cifras del 2016.

ARP analiza intención de Brasil Es riesgoso dejar de vacunar contra aftosa, dice Villasanti

14 de Marzo de 2017 Sobre la intención de Brasil de adelantar la suspensión de vacunación de su hato ganadero contra la fiebre aftosa al año 2018, el titular de la Asociación Rural del Paraguay (ARP), Luis Villasanti, personalmente cree “muy riesgoso”, pero que el gremio analizará el caso con mucho cuidado.

En una publicación la semana pasada en la página digital Valor Carne, el ministro de Agricultura del Brasil, Blairo Maggi, habló de un cronograma para cambiar la composición de las vacunas y abandonar gradualmente la vacunación en su país en el 2018.

La comunicación oficial de esa decisión la realizará durante la reunión de la Comisión Sudamericana para la Lucha contra la Fiebre Aftosa (Cosalfa), a realizarse a principios de abril próximo.

Ayer consultamos al presidente de la Asociación Rural del Paraguay (ARP), Luis Villasanti, sobre el citado anuncio, y señaló que esa es una decisión que debe tomar el servicio oficial, en este caso Senacsa. “Ahora, nosotros estamos analizando para dar una posición. Aquí creo que se debe analizar con mucho criterio y con mucho cuidado”, expresó.

En su oportunidad también fue consultado el directivo de Senacsa Enrique González, quien dijo que verá cómo manejar la situación y agregaba: “Tenemos que adaptarnos y ver el plan dentro del contexto internacional y regional. También está el plan del 2020. Brasil por lo menos quiere adelantar la no vacunación”.

Villasanti reconoció ayer que es una competencia de cada país del Mercosur que tiene proyectado no vacunar más o seguir vacunando. “Ahora, hay que ver en qué nos va a perjudicar el no dejar la jeringa y también ver en qué nos va a perjudicar si dejamos la jeringa, porque estamos hablando de un Mercosur, no estamos hablando solamente de un país. Creo que Bolivia también va a colgar la jeringa, o sea, va a dejar de vacunar también para el 2020, algo así”, indicó.

Señaló que la ARP tiene una Comisión de Salud Animal (Conasa) y sus miembros están abocados justamente al estudio del anuncio hecho por el Brasil.

Respecto a su opinión personal sobre el tema, respondió que “es riesgoso”.



Se le recordó el caso de Argentina, que durante el gobierno anterior dejó de vacunar contra la aftosa en 1999 y tuvo consecuencias negativas para la ganadería de ese país. “Ese es el problema que estamos teniendo, hay que analizar. Yo no quiero decirte una postura oficial porque no la tenemos todavía. Esto va a surgir de la Conasa y en todas las comisiones de salud se va a analizar. La ARP tiene un criterio y ese criterio va a ser la base de estudio, de probabilidad de éxito o de fracaso. Nosotros no nos vamos a dejar llevar por opiniones irresponsables. Estamos haciendo el estudio, no tenemos una posición oficial todavía”, concluyó Villasanti.

Mesa sostenible de carne facilitará nuevos mercados

17 de Marzo de 2017 La conformación de la Mesa de Carne Sostenible en Paraguay permitirá posicionar al país como productor de carne sustentable, poder entrar a nuevos mercados como Europa y Estados Unidos, que tienen más exigencias que la carne que en la actualidad va a Rusia, a Chile y a Medio Oriente, que son mercados no tan exigentes, manifestó Josefina Eisele, representante regional de la Mesa Global de Carne Sostenible, tras la reunión mantenida ayer con referentes paraguayos de este rubro.

“Si queremos entrar a otros mercados, como son Estados Unidos y Europa, tenes que hablar de bienestar animal, de forestación, de emisiones, y para poder hablar hay que tener información de base de campo y cada frigorífico tiene que saber exactamente qué hay detrás del producto que le está vendiendo a ese comprador de afuera”, dijo.

Insistió en que para lograr la instalación de la mesa en Paraguay será importante el liderazgo, no tener un interés particular, la neutralidad por sobre todas las cosas y tener mucha energía para empujar a los sectores conscientes de la importancia de los diferentes elementos de la sostenibilidad: lo ambiental, lo social y lo económico.

La reunión de ayer se centró en la presentación del cronograma de actividades, que incluye puntos esenciales como la estructura legal de la mesa, elección de temas prioritarios a ser desarrollados, armar grupos de trabajos y definir los siguientes pasos a seguir este año. En 6 semanas volverán a reunirse a nivel local.

UNIÓN EUROPEA

Parlamento Europeo adoptó reglas de mayores controles sobre los alimentos

PLENARY SESSION Press release - Food safety – 15-03-2017 - Plans to tighten up official food inspections, from farm to fork, were adopted by Parliament on Wednesday. The new rules, already informally agreed by MEPs and the Council, aims to improve food traceability, combat fraud and restore consumer trust in the integrity of the food chain.

The legislation will provide a comprehensive, integrated and more effective control system in the areas of food and feed safety rules, veterinary and plant health requirements, organic production and protected geographical indication rules.

“After the horse meat scandal, consumers had serious questions about the traceability of food, and the integrity of the meat supply chain. The European Parliament strove to address these concerns and to end up with a text that allows competent authorities to effectively combat fraudulent practices” said rapporteur Karin Kadenbach (S&D, AT).

“I am also proud that Parliament managed to have the chapter on enforcement strengthened, in particular regarding the penalties to be applied in the event of intentional violations of the rules. I trust that really deterrent penalties will be a key tool to combat fraud in every area” she added.

The agreement negotiated between MEPs and the Council of Ministers provides for:

- a comprehensive scope, encompassing the whole agri-food chain: controls on food, feed, plant health, pesticides, animal welfare, geographical indications, organic farming,
- unannounced, risk-based controls in all sectors,
- better enforcement against fraudulent or deceptive practices,
- import conditions for animals and products imported from third countries, and
- European Commission controls in EU member states and in third countries.

Note to editors

Recent food fraud scandals, such as the horsemeat scandal, have shown the need for more effective action on the part of enforcement authorities to protect consumers and honest operators alike, from the risks which may arise from breaches of the rules along the food chain.

The new rules will follow a risk-based approach, thus allowing competent authorities to focus their resources on the more relevant issues (all risks considered and not only risks for health).

In order to establish a harmonised general framework, the proposal for a regulation encompasses, in a single regulatory text, the official controls relating to all sectors of the agri-food chain (currently split among 16 or so regulations or directives). The proposal provides an in-depth review of existing provisions, aiming



to eliminate any regulatory overlapping and taking a proportional and flexible approach so as to be able to react more promptly to emergency situations, by, for example, establishing swifter procedures for the accreditation of official laboratories.

IRLANDA: Bord Bia lanzó promoción en ALEMANIA

17 March 2017 - Bord Bia, the Irish Food Board, has announced that a major new campaign to support Irish beef exports to Germany was launched by the Minister for Agriculture, Food and the Marine, Michael Creed in Stuttgart this week.

The promotional campaign, valued at almost €1 million this year alone, will target in excess of 8 million German consumers. In 2016, Ireland exported 23,000 tonnes of beef to Germany, a doubling in volume since 2012 (from 11,500 tonnes), and according to Bord Bia this figure is expected to reach 30,000 tonnes by 2018.

Speaking from Stuttgart Minister Creed said, "I am delighted to launch Bord Bia's new Irish beef campaign for the German market, introducing Irish beef's unique sustainability credentials to German consumers for the first time. Promotional campaigns such as this enable us to showcase Ireland as a provider of safe, quality and sustainably produced food.

Against the Brexit backdrop, identifying market opportunities, building awareness and securing business in a more diversified range of markets has never been more important to the future of our quality food production. My Department and Bord Bia are working closely with the agri-food sector to sustain and grow our market opportunities."

Meanwhile Tara McCarthy, Bord Bia's Chief Executive, said that building on the recent strong export performance in this competitive environment requires a sustained marketing and promotional drive such as this campaign.

"Irish beef continues to perform in what is considered an important premium market, with beef exports rising to €142 million in 2016 from €92 million just four years ago. This campaign follows comprehensive consumer research in the German market and a highly encouraging performance by industry," commented Ms McCarthy.

The launch event was hosted by Michelin-star chef, Claudio Urru, at his Restaurant 5 in Stuttgart. Attendees included meat buyers from retail chains and purchasers of Irish beef such as Kaufland and Edeka Südwest as well as a number of prominent chefs in Germany.

As part of the campaign planning, Bord Bia undertook qualitative and quantitative consumer research to gain a better understanding of German consumer attitudes to Irish beef. According to Donal Denvir, Bord Bia's German Manager, "The research found that there is a huge interest among German consumers around the topics of food sustainability, origin and animal welfare. Ireland as a food producing nation was viewed favourably and the image of our food production system is one that is pure, green and natural where animals freely graze on green pastures."

Bord Bia will undertake a five year multi-channel communications campaign across retail level in-store, in restaurants, online advertising, on social media, in print, and at various trade and consumer events. This year will see the campaign commence with five retail promotions in over 2,000 stores and a series of promotions with leading steak restaurant chains across 100 locations. In addition, Bord Bia will organise trade journalists visit Ireland to gain a first-hand experience and understanding of Irish beef. Consumers will be directed to a website where they can engage with Irish farmers on farming and Irish beef.

Selling Ireland's green image, the campaign will also feature an ongoing communications programme around Bord Bia's sustainability initiative, Origin Green. Since the inception of Origin Green, over 137,000 carbon assessments have been completed on Irish beef and dairy farms, or an average of 800 assessments per week. According to Bord Bia, over 37,000 individual improvement targets have been established for Irish beef farmers, and when completed, these targets could reduce greenhouse gas emissions by more than 7 per cent.

Irish Food and St. Patrick's Day in Germany

Germany is Ireland's sixth largest export market for food and drink and estimated to worth some €600 million. Irish dairy, beef and prepared foods are Ireland's top food exports to Germany.

As part of Minister Creed's visit to Germany, a week-long programme of trade activity is underway surrounding the St. Patrick's Day festive period, which includes a high-level trade meetings, a networking event in the Irish Embassy in Berlin for over 400 people as well as receptions in Stuttgart and Cologne where guests will enjoy Irish beef.

Later this week, the Minister and Bord Bia will also meet with foodservice operator, Niggemann Food Frischemarkt, which imports Irish beef, lamb and dairy to discuss upcoming plans for the year ahead, including the promotion of Irish meat at two of the operator's trade fairs aimed at chefs and premium restaurant and hotel owners.

TheCattleSite News Desk



ESTADOS UNIDOS

Existencias ganaderas: tuvieron entre 2014-2016 el mayor crecimiento desde los años 70

By Greg Henderson March 14, 2017 Ranchers continue to grow their cow herds at an aggressive pace. In fact, the total three-year herd expansion, 2014 through 2016, is the largest since the 1970s.

The USDA National Agricultural Statistics Service (NASS) Cattle Inventory report counted 93.6 million cattle and calves on Jan. 1 of this year, 2% more than a year ago. Beef cow numbers totaled 31.2 million head, a 3.5% increase from 2016, and 6% more than just two years ago. The beef cow herd is now 2.1 million head larger than the low point of 29 million head in 2014, and the largest since 2010.

“Expansion is the result of profits and ample forage supplies,” says John Nalivka, president, Sterling Marketing, Inc. “While the profits of two years ago have diminished significantly, range and pasture conditions throughout cattle country have continued to support herd expansion.”

Nalivka says the beef cow slaughter rate in 2016 totaled 2.58 million, which represents 8.6% of the cow herd and is the fourth smallest percentage of beef cows slaughtered since at least 1965. He believes the percentage of cow culling might have been much lower if not for an aging cow herd that encouraged ranchers to send the older ones to market.

While cow culling this past year was slow, ranchers also added more replacement heifers to their herds. USDA counted 6.42 million beef replacement heifers on Jan. 1, a 1.2% increase from 2016, and a 5% increase from two years ago. Beef replacement heifer numbers were the largest on farms and ranches since 1997.

Of those 6.42 million replacements, 62.3% or 4 million were reported to be bred to calve. This is the highest percentage since 2010.

“This level of beef replacement heifers is 20.6% of the cow herd inventory,” says Derrell Peel, Oklahoma State University economist. “It is down just slightly from last year and a level suggesting significant herd expansion will continue in 2017.”

The positive side to herd expansion, says Iowa State extension economist Lee Schulz, is that “we currently have one of the youngest herds in history. The young herd should be very productive, a plus in terms of cost of production and efficiency. Plus, the industry has not just added numbers but also added genetic potential.”

2016 calf crop at 35.1 million head, up 3% from 2016, and 4.5% higher than 2015. With more calves and feeder cattle, more beef will be produced in 2017 and 2018.

In fact, analysts believe the 2017 inventory data suggest expansion will likely continue into 2018, possibly 2019, which indicates further increases in beef production.

“We should expect a 4.4% increase in beef production this year, and another 4% to 5% increase in 2018,” Nalivka says. “That means we will see further price pressure on calves and feeder cattle.”

Indeed, cow-calf profitability has declined substantially since the windfall profits generated by the historically low cattle numbers of 2014. On a cash basis, Nalivka estimates 2014 average profit per cow was \$517, dropping to \$177 per cow by 2016. He projects a further decline to a profit of just \$45 per cow in 2017.

Of the 10 states with the largest beef cow inventories, eight recorded increases this past year. Oklahoma recorded the largest increase with 172,000 cows, followed by Texas with a gain of 170,000 head and Missouri added 150,000 head. Those are the only three states with inventories of more than 2 million cows. Yet, those three states account for 27% of the nation’s cow herd and together they saw a 5.7% increase in beef cows for 2017.

Despite gains in recent years, Texas cow numbers have not fully recovered from the drought. Texas counted 5.14 million cows in 2010, declining to 3.9 million by 2014. The Texas 2017 inventory of 4.46 million beef cows means producers have regained about half of the cows lost between 2010 and 2014.

Along with an expanding cow herd, the estimated supplies of feeder cattle have also grown. For 2017, the estimated feeder supply is 26.5 million head, a 2.1% increase from the past year and a 7.4% increase from the 2015 total. Those growing supplies of feeder cattle and calves are the basis for much of the gloomy price outlook from economists.

However, while further erosion in prices might loom ahead, CattleFax CEO Randy Blach says stability is returning to global commodity markets, at least temporarily.

“After the ag market shocks of the past year and an approximate correction of 50% in all commodity markets, prices are beginning to stabilize,” Blach told attendees at the 2017 Cattle Industry Convention and NCBA Trade show in February. “That doesn’t mean that we’re past this, or that prices have bottomed, but on a global basis, we’re not likely to see as much volatility during the year ahead.”



He noted cattle feeders have returned to profitability, which is a first step in helping to stabilize prices for cow-calf and stocker operations. Blach expects during 2017 and beyond, margins are likely to tighten for cow-calf producers with more stability but also an expectation for lower highs and lower lows.

CattleFax analysts noted the cow-calf sector will shift focus to finding efficiencies, reducing cow costs and improving productivity to remain profitable. Analysts estimated 2017 price expectations for 550-lb. steers at \$150 per cwt with a range of \$130 to \$170 per cwt, while 750-lb. steers will average \$130 per cwt with a range from \$120 to \$140 per cwt during the year ahead.

Blach reported that the historical cattle cycle remains intact, although the price break experienced in 2016 was the fastest and deepest of any in recent history.

“Even with the rapid growth in the U.S. cow herd, numbers are expected to continue higher for the next two-to-three years,” added Kevin Good, CattleFax senior analyst. “Absolute price lows likely will not be realized until that period of increasing cow herd numbers is behind us.”

Gulfood 2017 - Exitosa participación de exportadores estadounidenses.

TheCattleSite News Desk 13 March 2017 - Exploring opportunities for US beef and lamb, USMEF shared information about US products and connected exporters with potential customers during Gulfood 2017, the Middle East region's largest food trade show.

Funding for USMEF's efforts at the show, which attracted nearly 100,000 visitors from 165 countries, was provided by the USDA Market Access Programme, the Beef Checkoff Programme and the Beef Promotion and Research Council of Texas.

Held at the Dubai World Trade Centre, Gulfood 2017 included 120 national pavilions. Hundreds of international heads of state, ministers, government officials and representatives of food trade associations joined buyers and traders for updates on products, trends and sources in the world's ever-expanding food market.

Now in its 22nd year, Gulfood has grown by leaps and bounds.

“Gulfood started out as more of a regional event, but it's really evolved into a global food show,” said Dan Halstrom, USMEF senior vice president for marketing. “This year you had companies and buyers representing the Middle East, Europe, Russia, Africa, China, Japan, Korea and several Latin American countries.”

“The show continues to amaze us in terms of business opportunities for our Middle East beef business,” said Mark Spengler, export sales general manager for Greater Omaha Packing Company, which has attended Gulfood for several years.

“We very much appreciate the efforts of USMEF in terms of planning the event and were especially pleased with the new display location within Meat Hall 4, helping us reach out to more customers as we continue to strive for increased market penetration in the Middle East.”

US beef has long been considered a high-end, high-quality niche for most people in the Middle Eastern foodservice sector, but the market is changing, Halstrom noted.

“If you look at the family-style dining sector, we have become much more competitive and we are seeing the presence of US beef expand – not only in the United Arab Emirates, where this show was held, but also in countries like Oman, Kuwait and Bahrain,” explained Mr Halstrom.

“So we went into this year's Gulfood looking at that segment as being a good opportunity for US beef to gain additional share of the market.”

An additional bright spot at this year's Gulfood was the chance to enhance promotion of US beef to companies from Saudi Arabia, which at one time was a \$31 million market. After four years of sitting on the sidelines, the US regained eligibility to ship beef to Saudi Arabia in 2016.

“A lot of discussion was had about Saudi Arabia and there is a lot of optimism,” said Mr Halstrom. “With a population of about 29 million people, there is definitely demand for high-quality grain-fed US beef.”

“However, it has been a slow process to get beef slaughter plants approved for export to Saudi Arabia. The conditions for compliance are more restrictive, but hopefully we can work through that and see significant volumes start to move in 2017.”

Carne sin antibióticos gana lugar en EE.UU.

13/03/2017 En el 2016 se exportaron 240.384 toneladas de carne bovina por un valor de US\$ 953,3 millones, según datos del Senacsa.

Ante la presión de ambientalistas y activistas, cada vez más gigantes de la industria alimenticia y cadenas de restaurantes de Estados Unidos están limitando los antibióticos en animales criados para consumo, muestra de una lenta evolución en el país de la comida basura, según publicó la Agencia AFP.

El grupo Tyson Foods se sumó en febrero a un camino que ya tomaron McDonad's y las tiendas Wal-Mart, al prometer que los pollos usados por sus numerosas marcas de productos preparados son 100% libres de antibióticos. “Suprimimos los antibióticos porque es la forma más responsable de conciliar una preocupación sanitaria mundial y el bienestar animal”, precisó un portavoz de este gigante de la industria



alimentaria, que a partir de ahora recurrirá a tratamientos a base de plantas. Los analistas ven este anuncio como un ejemplo más de la tendencia entre las grandes empresas de limitar los fármacos, después de que la comunidad científica alertara sobre el riesgo de que su uso reduzca la eficacia de los tratamientos contra infecciones humanas.

En 2014, la Organización Mundial de la Salud (OMS) alertó sobre la llegada de una era “postantibióticos”, en la que infecciones “benignas” podrían volverse mortales. El cambio de tendencia también refleja la creciente demanda de alimentos más saludables.

AUSTRALIA

Retención de vientres impacta sobre la faena

14 March 2017 Australian adult cattle slaughter for January 2017 dipped 10% below year-ago levels, to 468,501 head (Australian Bureau of Statistics). Interestingly, this decline was driven by a 20% decrease in cow and heifer slaughter (to 190,798 head) while the number of male cattle processed eased only marginally year-on-year (1%), to 277,703 head. This reflects the higher percentage of females being retained across the country following a wet winter/spring period and some intermittent summer rainfall across the eastern seaboard.

This trend was particularly evident in NSW and Queensland, with male adult cattle slaughter actually lifting in both states while greater declines in female throughput drove an overall decrease.

In Queensland, male slaughter lifted 1% year-on-year to 126,554 head, while the female kill contracted 14% to 57,082 head – taking the state total for the month to 183,636 head, back 4% from January 2016. Meanwhile, in NSW, total slaughter declined 5% as a result of female slaughter slipping 20% to 47,959 head, despite male slaughter lifting 10% to 69,012 head.

Coupled with higher female retention and tighter supply, total slaughter throughput for January in;

Victoria eased 24% to 92,752 head, with the male and female proportion declining 16% and 31%, respectively.

SA was 31,136 head, back 6% year-on-year, with female slaughter lifting 1%, while male throughput eased 13%.

Tasmania was 16% lower, driven by a 26% and 2% decline in males and females processed, respectively.

WA eased 7% on the back of a 16% drop in females slaughtered, despite an increase of 4% in males processed.

As a result of the fewer numbers slaughtered, Australian beef production in January decreased 7% from the same time last year, to 138,624 tonnes cwt, however was partially mitigated by a 3% increase in the national average carcass weight for the month, at 296kg/head.

Looking forward, Australian cattle slaughter is anticipated to remain constrained by tight supplies for the remainder of 2017 and until herd rebuilding gains traction which has been hampered by poor seasonal outlooks.

Exportaciones de carnes enfriadas hacia Estados Unidos firmes pese a la menor oferta

16 March 2017 High-quality chilled grassfed beef exports to the US have declined so far in 2017, amid reduced cattle slaughter and limited beef production, particularly in southern Australia. However, the trade has been less affected compared to most other beef export categories, and has increased from a 22% share of volume to the US in 2016 to 26% across January and February. In contrast, frozen grassfed exports (primarily lean manufacturing beef) to the US so far this year have declined 36% year-on-year, heavily impacted by the reduced cow slaughter in Australia and growing domestic US production.

As illustrated below, chilled grassfed beef exports to the US have continued to record strong growth since 2000, with only recent tight supplies weighing in on the trade.

As outlined in the recently published North America beef market snapshot, this growth has been underpinned by increasing demand for grassfed product, particularly from higher income consumers in east-coast cities. To put the growth of the chilled grassfed trade into context, on its own it was Australia's fifth largest beef export market in 2016 (after only the US, Japan, South Korea, China and Indonesia).

While the US is forecast to increase beef production yet again this year, given the dominance of grainfed product it is likely demand for premium grassfed beef will remain strong.

VARIOS



INDIA: Amenazan con establecer pena de muerte por faena de vacas y traslado de carne bovina en el estado de Gujarat

Government of Indian state to introduce a bill bolstering existing laws against butchering the revered animals

Tuesday 14 March 2017 The leader of an Indian state has announced that slaughtering cows and transporting beef will soon be punishable by a life sentence, the harshest penalty yet for crimes against the revered animal in the Hindu-majority country.

The chief minister of Gujarat, Vijay Rupani, said his government would introduce a bill in the next week to bolster existing laws against butchering cows and related crimes. The current punishment is a Rs50,000 fine (£622) and up to seven years in jail.

On patrol with the Hindu vigilantes who would kill to protect India's cows

"We want to make this law more strict," said Rupani, a member of the Bharatiya Janata party (BJP), a Hindu nationalist party whose elected officials – including the Indian prime minister, Narendra Modi – have long championed a national ban on beef consumption.

"In the bill, we will make a provision wherein people found involved in cow-slaughtering as well as transportation of beef will be punished with life imprisonment," Rupani told a gathering at a Hindu social organisation. "Their vehicles too will be seized permanently."

A number of BJP-led states have extended bans or tightened punishments against cow slaughter since Modi became prime minister in 2014. The former Gujarat chief minister was elected on a platform that included a vow to outlaw it.

Killing cows or transporting beef in states such as Haryana, Jharkand or Jammu and Kashmir is punishable by large fines and up to 10 years' prison. Beef consumption is permitted in only eight of India's 29 states and territories.

Inside the Indian village where a mob killed a man for eating beef

Most Hindus honour cows as the embodiment of the principle of non-violence and idealise the animal as a selfless, nourishing mother.

But attitudes towards beef consumption are not uniform across the country. Some southern Indian Hindus regularly eat beef, as do Muslims and members of less socially dominant castes who regard the animal as a cheap source of protein.

The Modi government has reportedly asked the country's agriculture ministry to explore the possibility of a nationwide ban but has chosen to tread carefully in implementing its election promise.

Cow protection has been a trigger for sectarian violence throughout modern Indian history and a resurgence in recent years has been linked to an increasingly assertive Hindu nationalist movement.

A Muslim villager from the outskirts of Delhi was lynched in September 2015 after being accused of storing beef in his freezer, a murder that government ministers were accused of underplaying.

Bands of self-styled "cow protectors" have sprung up in northern India, and have been accused of fomenting sectarian violence and carrying out vigilantism.

Cow-protection gangs were rebuked by Modi last year after videos emerged of their members flogging young Dalits. The least powerful group in the caste hierarchy is traditionally enlisted to dispose of dead cows.

RUSIA: fue habilitado para exportar carne bovina enfriada hacia IRAN

On March 13-14, 2017 the 2nd meeting of the Russian-Iranian Veterinary and Phytosanitary Working group in which the representatives of Rosselkhoznadzor and Iran Veterinary Organization (IVO) took part.

During the meeting the Rosselkhoznadzor and the Veterinary Organization of the Islamic Republic of Iran harmonized and signed protocols on terms of supply of chilled beef and lamb from the Russian Federation to the Islamic Republic of Islam, thus completing painstaking work which lasted several years. The stated requirements, as well as the translated into Russian materials will be published on the official site of the Rosselkhoznadzor.

In addition to that the protocol on terms of frozen poultry meat supplies from Russia to Iran was harmonized and in the near future it will be signed by the Iranian side and forwarded to the Rosselkhoznadzor in order to be signed by the Russian side. In fact, these actions indicate that the Iranian market will soon be opened for Russian poultry meat.

In the course of negotiations the Iranian side provided the Russian side with several veterinary regulatory documents regulating supplies of Russian products to Iran and veterinary health requirements for import of skin materials (hides) from Russia to Iran that will be later translated into Russian and published on the official site of the Rosselkhoznadzor.

Concurrently the Iranian side proposed to the Rosselkhoznadzor to study the information about systems of electronic certification of regulated products applied in Iran. The Rosselkhoznadzor welcomed this approach and in its turn proposed to the Iranian party to familiarize themselves with the Russian systems of electronic certification.



Besides the Iranian side informed that fish and sea products can be supplied to Iran from Russian establishments and ships controlled by the national veterinary service of the Russian Federation. The Russian side thanked their counterparts for this decision and promised in the near future to send a list of these establishments so that later it will be published on the official site of the Iranian veterinary service.

The Russian side expressed interest in exports of animal feeds of plant origin to Iran and requested to provide health requirements for import of the said products to Iran.

During the meeting the parties also discussed technical issues of Russian meat exports to Iran.

The parties also agreed on the need to reconsider the sealing procedure of Russian meat product consignments conducted by the IVO representative and his continued presence in Russian establishments while loading and shipping of the said products.

The Iranian side in its turn addressed with a request to speed up the process of authorization of Iranian establishments for export of dairy and fish products to the Russian market.

The Rosselkhozadzor assured their counterparts that the decision regarding this issue will be taken in the shortest time possible.

At the end of the meeting the sides agreed to further develop scientific cooperation in the field of animal disease control with the involvement of the country's related scientific institutions.

CANADA: Stock ganadero al 1º de enero de 2017 era de 12 millones de cabezas, 0.2 por ciento mayor que un año atrás

16 March 2017 US - Last week Statistics Canada issued the results of its semi-annual survey of cattle operations and an estimate of the inventory of cattle at various stages of production, according to Steiner Consulting Group, DLR Division, Inc.

Canada is an important supplier of both cattle and beef into the US market and production trends there have a direct impact on the US cattle market as well. Key highlights follow:

The total cattle inventory in Canada as of 1 January 2017 is currently estimated at 12.065 million head, just 0.2 per cent larger than it was the previous year. The numbers for 2015 and 2016 were revised higher, however, with the biggest revision impacting 2016, increasing from 11.920 million to 12.035 million. The combined inventory of US and Canadian cattle as of 1 January 2017 was 103.948 million head, 2.85 per cent larger than the previous year. If we add to this an estimated 16.5 million cattle in Mexico (latest USDA est.), this implies a combined North American cattle population of 120.5 million head, 2.4 per cent larger than the previous year. The gains have almost all come from a larger supply in the US market, with inventories in Canada and Mexico almost unchanged from 2015 levels.

While record profits encouraged US cow - calf producers to expand in the last two years, that has not been the case in Canada. The beef cow herd as of 1 January 2017 was estimated at 3.834 million head, almost unchanged from a year ago (just 7,000 head larger) and down 1.450 million head (- 27 per cent) from the peak in 2005.

Even the modest herd expansion impetus that we noted in the last 18 months has not translated into a larger breeding stock. The number of heifers held back for beef cow herd replacement actually has been increasing (modestly) since 2010. In 2016, Canadian cow - calf operators retained 547,000 heifers for beef cow herd replacement, the largest such number since 2008 and 20,000 head (+3.8 per cent) more than the year before.

And yet, the beef cow herd today is only slightly higher than it was a year ago. Deteriorating profit margins, a weak Canadian dollar and the strong pull of the US market have all worked to undermine growth in the Canadian beef cow herd. As of 1 January, heifer replacement numbers were down 10,000 head (- 1.8 per cent) from the previous year, implying that it is a good likelihood the beef cow herd at the end of this year will be about the same size, maybe even smaller, than today.

The direct result of a smaller breeding herd is a steady erosion in calf production and ultimately a smaller Canadian cattle industry. The decision last year by Western Feedlots, the largest feeding operation in the country, to wind down operations in 2017 is a result of the realization that a structural turnaround is unlikely in the short to medium term. With almost 1 million fewer calves born in Canada today than 10 years ago, the supply base is about 20 per cent smaller and Canadian feeders also have to contend with strong competition from the US and the negative impact of a weak exchange rate.

EMPRESARIAS

JBS compró en Estados Unidos la empresa Plumrose

13 de março de 2017 - Compra foi acordada nesta segunda-feira, 13, por US\$ 230 mi, e está sujeita à aprovação dos órgãos competentes



A JBS informa que celebrou nesta segunda-feira, 13, por meio de sua controlada, JBS USA, um Contrato de Compra de Participação Societária com a Danish Crown A/S, para aquisição da Plumrose USA, nos Estados Unidos, por US\$ 230 milhões.

Em fato relevante enviado à Comissão de Valores Mobiliários (CVM), a empresa detalha que a Plumrose opera no segmento de produtos preparados e de alto valor agregado, incluindo bacon, presunto, carnes fatiadas e cortes suínos.

Estão incluídas na operação cinco fábricas de produtos preparados localizadas nos Estados de Indiana, Iowa (2), Mississippi e Vermont; além de dois centros de distribuição localizados em Indiana e Mississippi. A receita líquida anual da Plumrose é de aproximadamente US\$ 500 milhões.

"A aquisição da Plumrose dá continuidade a estratégia da JBS de expandir o seu portfólio de produtos preparados, de alto valor agregado e com marca, e fortalece a sua base de clientes e distribuição geográfica nos Estados Unidos", diz a empresa.

Segundo a JBS, a operação foi aprovada pelo conselho de administração da empresa e da Danish Crown, e está sujeita às aprovações de praxe, incluindo aprovação pelas autoridades de defesa da concorrência dos Estados Unidos da América.

O Barclays atuou como consultor financeiro e o Squire Patton Boggs atuou como consultor legal para a JBS nessa transação.

JBS buenos resultados en el cuarto trimestre de 2016

14/03/17 - por Equipe BeefPoint A JBS S.A. reporta receita líquida de R\$41,6 bilhões no quarto trimestre do ano, o que representa uma redução de 11,7% em relação ao quarto trimestre de 2015, em função da apreciação do real frente ao dólar, que partiu de um câmbio médio de R\$3,84 em 2015 para R\$3,29 em 2016 e de uma diminuição na receita da Pilgrim's, da JBS Mercosul e da Seara de 2,7%, 3,5%, e 12,8%, respectivamente.

No quarto trimestre do ano, aproximadamente 72% das vendas globais da JBS foram realizadas nos mercados domésticos em que a Companhia atua e 28% por meio de exportações.

Em 2016, a receita líquida consolidada da JBS atingiu R\$170.380,5 milhões, um aumento de R\$7.466,0 milhões ou 4,6% superior a 2015.

O EBITDA foi de R\$3.112,9 milhões, estável em relação ao quarto trimestre de 2015, com margem EBITDA de 7,5%. O resultado é reflexo da diminuição no EBITDA da Seara e da JBS Mercosul, compensado pelo aumento no EBITDA da JBS USA Carne Bovina, JBS USA Carne Suína e da PPC. Em 2016, o EBITDA da JBS foi de R\$11,3 bilhões, uma redução de 15,1% comparado a 2015.

No quarto trimestre de 2016, a JBS registrou um lucro líquido de R\$693,9 milhões, equivalente a um lucro por ação (EPS) de R\$0,26, revertendo o prejuízo registrado no mesmo período do ano anterior. Em 2016, a Companhia registrou um lucro líquido de R\$376,0 milhões, equivalente a um lucro por ação de R\$0,14.

A geração de caixa operacional foi de R\$4,0 bilhões e a geração de caixa livre foi de R\$2,9 bilhões no trimestre.

No ano de 2016, a receita líquida foi de R\$170,4 bilhões. O EBITDA foi de R\$11,3 bilhões, com uma margem de 6,6%. O lucro líquido foi de R\$376,0 milhões, equivalente a R\$0,14 por ação.

Fonte: JBS, resumida e adaptada pela Equipe BeefPoint.

McDonald's analiza utilizar hamburguesas frescas en lugar de congeladas

Business Insider March 16, 2017 McDonald's is expanding a test of its most dramatic menu change in decades: replacing frozen beef patties with fresh beef.

The fast-food chain is adding fresh, never-frozen beef patties to 328 restaurants in North Texas, following tests at 75 restaurants in Oklahoma and 14 restaurants in the Dallas-Forth Worth area, Instinet analyst Mark Kalinowski revealed Thursday.

The fresh patties will be used in McDonald's Quarter Pounder burgers, which include the Quarter Pounder with cheese, the Double Quarter Pounder with cheese, the Quarter Pounder Deluxe, and the Bacon Clubhouse Burger.

"This collection of McDonald's restaurants... appears to mark the largest expansion to date of McDonald's US test of never-frozen beef," Kalinowski wrote in a note to clients. "We view this latest expansion of never-frozen beef for quarter-pound beef patties as another signal as to the direction McDonald's US is likely to head — more test markets/restaurants are likely to introduce never-frozen beef in coming months."

McDonald's rival Wendy's has long used its fresh beef as one of its main selling points.

Switching to fresh beef represents a massive challenge for McDonald's, but one that could potentially pay off through an improved public image and better-tasting burgers.

The company has long relied on an extensive network of suppliers who make, freeze, and ship beef patties to its more than 14,000 restaurants in the US.

Expanding the test would require a massive shake-up to that supply chain.



Some franchisees have warned that at the restaurant level, it would introduce a whole range of new food-safety issues.

"I have major concerns over food safety and our lack of ability to serve a large number of customers quickly," one franchisee wrote in response to a survey by Instinet analyst Mark Kalinowski in July.

The potential for foodborne illnesses is higher when uncooked meat is kept at a temperature above 40 degrees Fahrenheit, according to the USDA.

But other franchisees said the change could improve business.

"Faster cook times, juicier product, seared product versus stewed meat," one franchisee wrote.

Another said, "Many customers perceive unfrozen to be better for you. Perception is everything."

Bajan las acciones de JBS y BRF

Fonte: Folha de São Paulo, resumida e adaptada pela Equipe BeefPoint. 17/03/17 As ações dos frigoríficos JBS e BRF lideram a lista de maiores quedas do Ibovespa nesta sexta-feira (17), reagindo à Operação Carne Fraca, da Polícia Federal, que investiga irregularidades na venda de carnes. Ambas as companhias são alvo da operação.

As ações ordinárias da JBS perdiam há pouco 7,67%, a R\$ 11,07, enquanto as ordinárias da BRF caíam 7,25%, a R\$ 37,10. O Ibovespa operava em baixa de 0,24%, aos 65.619,19 pontos.

"A JBS já vinha sendo investigada pela Operação Lava Jato e agora mais uma acusação é deflagrada contra a companhia, o que deve pressionar ainda mais a empresa diante destas investigações", diz a equipe de análise da Guide Investimentos, em relatório. A Seara, controlada pelo Grupo JBS, também é alvo da Carne Fraca.

"Quanto à BRF é a primeira vez que a empresa enfrenta acusações de ilegalidades. Esperamos repercussão negativa nas empresas no pregão de hoje, e deverá repercutir negativamente na qualidade da administração destas companhias", acrescentam.

As empresas ainda não se pronunciaram sobre a operação.